

Uma «carta do leitor» publicada no jornal «Domingo» veio trazer à luz da ribalta o problema da prostituição em Maputo que, até aí, passava mais ou menos despercebido.

Apresentando a carta aos seus leitores, a Redacção daquele jornal distanciava-se do seu autor quanto ao exagero de proporções e também quanto à perspectiva global de apreciação que lhe apontava. O certo, porém, coincidência ou não, é que, uns quatro dias depois, o «Notícias» anunciava a detenção de dezenas de prostitutas na capital e iniciava também um inquérito de opinião pública sobre aquele problema, revelando um cariz de nítida e exaltada condenação da prostituição. E, assim, o problema projectava-se em plena luz pública, como denúncia e até já como objecto de medidas das autoridades.

Segundo o autor daquela carta, enorme quantidade de mulheres da capital moçambicana exerceria a «mais antiga profissão»: umas, pagas em moedas fortes estrangeiras, outras, em meticais; algumas, para suprir carências de abastecimento, e outras, ainda, para manter o emprego ou, aí, subir na escala. No mesmo saço, indiscriminadamente, o autor misturava também aquele tipo de pequena aventura sem consequências de maior e o exercício ninfomaniaco, e, neste caso, taxava de chulos os respectivos amantes!

Apontadas estas referências, nada repugnaré tomar tal carta como desenfreada especulação, detectando-lhe certos recalques de raiz puritana e compreendendo-se que frustrações e ódios do autor o levassem a sonhar com actuações drásticas, entre as quais preconizava até a «lavagem da honra» à facada e para cuja actuação os tribunais — aconselhava ele — deveriam ser indulgentes!...

PROSTITUIÇÃO EM MAPUTO — PROBLEMA POR RESOLVER

Moçambique

Por FERNANDO COUTO *

Aquilo, porém, que na carta poderia ser tomado como acusação infundada aparecerá, depois, no jornal diário, como verificação até exemplificada, em certa medida e de algum modo, através das detenções de prostitutas, apanhadas nas rusgas conduzidas pelas autoridades contra os marginais da capital.

Em restaurantes de luxo e «boites», em «snack-bares» da antiga Rua Araújo (por excelência, o pólo de atracção da prostituição no tempo colonial) e em várias residências do Bairro Central, foram detidas dezenas de prostitutas, consideradas, também elas, marginais, na opinião do juiz-presidente do Tribunal Popular Provincial de Maputo.

Segundo uma informação divulgada pela Polícia, há, nesta cidade, um considerável número de menores que se entregam a essa prática. E a informação caracterizava: «Frequentam escolas, como outras raparigas da sua idade. Contudo, na outra parte do dia, prostituem-se, obtendo remuneração por isso.»

O destino próximo de tais detidas é a reeducação. A autoridade justifica a medida deste modo: «As prostitutas são equiparadas a vadios, em termos de aplicação de medidas de segurança». Recordar-se que essas medidas, como regra, incluem o internamento em campos de reeducação durante um período mínimo de seis meses e o máximo de três anos.

Aí, os reeducandos devem aprender um ofício, no caso

de o não terem e de qualquer modo, desenvolver actividades produtivas.

Não se julgue, porém, que a acção repressiva recaia apenas sobre meretrizes. Segundo as orientações daquele juiz, «é também necessário que sejam detidos os fomentadores da prostituição, os que favorecem a sua prática».

Contra esse tipo social de meretrizes que exercem mais ou menos às escâncaras, a actuação repressiva não oferece grandes dificuldades, dada a sua notória caracterização e situação física. Há, porém, um outro tipo e mais difícil.

A esse, referir-se-ia o autor da tal carta, quando apontou como motivação da

prostituição o desejo de possuir moedas fortes estrangeiras. Com efeito, é fora de dúvida que uma parte das prostitutas, aqui, actua com vista a obter divisas, com as quais efectua compras nas lojas francas; outras, vão à Suazilândia ou de ali recebem (pagos com randes) os artigos que não encontram no mercado local e que constituem toda uma vasta e enorme série de tentações, à semelhança dos que se vendem nas lojas francas.

Estas constituem o segundo tipo a que se fez referência: actuação de certo modo discreta, circunscrita a um círculo de conhecidos (entre os quais predominam, como é óbvio, os cooperantes), exercida em lugares particu-

lares, regra geral na casa dos interessados clientes e tudo isso torna a identificação difícil e também nada fácil a repressão. E, assim, essas escapam pelas malhas da rede, sem que deixem de ser propriamente aquilo que se poderia designar por «peixe graúdo».

Assim, ficou traçada uma panorâmica do problema da prostituição em Maputo, no sétimo ano da independência, mesmo sem fazer referência àquele meretrício irregular, talvez mais comum do que se poderá supor, exercido para obter, graciosamente ou sem bicha, algum dos artigos em falta, nesta vasta gama de carências.

* Correspondente JM em Maputo